

## **A arquitetura do Mosteiro de São Bento de São Paulo (1910-22): história e projeto**

*The Architecture of the Benedictine Monastery of São Paulo (1920-22): History and Design*

CRISTIANO GIANANTE\*  
PAULO YASSUHIDE FUJIOKA\*\*

**Resumo:** O presente trabalho possui como temática o estudo da arquitetura e da história da construção do conjunto da Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção, do Colégio de São Bento e da Faculdade de São Bento, construídos entre 1910 e 1922, com projeto arquitetônico do arquiteto alemão Richard Berndl (1875-1955). Sob a liderança do Abade Dom Miguel Kruse, OSB, o Mosteiro de São Bento de São Paulo se modernizou para uma cidade em ampla expansão, sem se privar das tradições e significados inerentes da rica cultura cristã e beneditina. Para isso, o artigo apresenta plantas, cortes e elevações presentes no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, as quais revelam as alterações que resultaram no atual conjunto construído em estilo que mescla elementos do neogótico e do neorromânico.

**Palavras-chave:** Mosteiro de São Bento. Arquitetura. Neogótico.

---

\* Cristiano Giansante é Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU USP) (2020). Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP-SP) (2024) onde desenvolveu a pesquisa intitulada A Arquitetura do Mosteiro de São Bento de Richard Berndl (1910-22): Ressonâncias da arte e arquitetura religiosa medieval em São Paulo, financiado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com orientação do Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka. Contato: [cristianogiansante@gmail.com](mailto:cristianogiansante@gmail.com)

\*\* Paulo Yassuhide Fujioka é Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo FAUUSP. Professor no IAU-USP Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (áreas de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e Projeto de Edificações) na Graduação e na Pós-Graduação. Contato: [pfujioka@sc.usp.br](mailto:pfujioka@sc.usp.br)

**Abstract:** This paper focuses on the study of the architecture and history of the construction of the complex comprising the Abbey Basilica of Our Lady of the Assumption, the College of São Bento and the College of São Bento, built between 1910 and 1922, with architectural design by the German architect Richard Berndl (1875-1955). Under the leadership of Abbot Dom Miguel Kruse, OSB, the Benedictine Monastery in São Paulo was modernized for a rapidly expanding city, without depriving itself of the traditions and meanings inherent to the rich Christian and Benedictine culture. To this end, the article presents plans, sections and elevations from the Municipal Historical Archive of São Paulo, which reveal the changes that resulted in the current complex, built in a style that combines elements of neo-Gothic and neo-Romanesque.

**Keywords:** Benedictine Monastery. Architecture. Neo-gothic.

## Introdução

Este artigo propõe um estudo da arquitetura e da história da construção do conjunto da Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção, do Colégio de São Bento e da Faculdade de São Bento, construídos entre 1910 e 1922, com projeto arquitetônico do arquiteto alemão Richard Berndl (1875-1955). A partir do estudo da revivificação da arte e da arquitetura medieval no século XIX, surgido por influência do Romantismo – e tal como manifesto na produção arquitetônica do Neorromânico e do Neogótico –, propõe-se fazer o levantamento analítico da documentação gráfica (desenhos técnicos e diagramas) e fotográfica do complexo projetado por Berndl, analisando e contextualizando suas atualizações, dentro do requerido por Dom Miguel Kruse, abade do Mosteiro de São Bento.

## 1 História

O Mosteiro de São Bento foi erigido no vértice da colina de conformação triangular do antigo assentamento de São Paulo. Próximo dali, havia o Caminho de Guaré ou Guarepe, que atualmente se denomina Rua Florêncio de Abreu, e era visto como um local de agradável localização.

Com duas cartas de sesmarias concedidas pelo capitão-mor Jorge Correia, em 4 de julho de 1598, o Frade Mauro Teixeira, monge beneditino natural da vila de São Vicente (Del Nigro, 2000, p. 73), deu princípio à fundação do Mosteiro.

Com o decorrer das décadas, o mosteiro receberia generosas doações de benfeitores, como Fernão Dias Pais Leme, em 1650.

Desde 1650 constituíra-se Fernão Dias em protetor e benfeitor solícito da Ordem. Foi então que se prontificou ele a mandar fabricar-lhe mosteiro e igreja nova no lugar da antiga, tão apertada que mal que nela mal cabiam vinte pessoas, segundo notícias da época. À sua custa foram feitos os três altares, continuando o do centro devotado à Senhora de Monte Serrate, agora com retábulo de madeira pintada. Mandou ainda assentar um púlpito, acrescentando-lhe todos os paramentos indispensáveis, assim para o ouro da igreja como para ornato dos altares. Também determinou a construção de dormitório contíguo, de taipa de pilão, e nele se alojaram os religiosos, transferidos do recolhimento primitivo (Holanda, 1977, p. XXVI).

Após a expansão financiada por Fernão Dias, destaca-se a alteração do patrono da igreja, que passou de Nossa Senhora de Montserrat para Nossa Senhora da Assunção, a pedido do Governador da Capitania de São Vicente, D. Francisco de Souza. A nomeação da padroeira permanece até hoje.

No século XVIII, o mosteiro contava, além da capela e dormitórios, com refeitório, oficinas, cozinha, adega e salas destinadas à sacristia e aos paramentos, além dos claustros. Com o tempo, o conjunto foi sendo modificado de acordo com as demandas de expansão da comunidade monástica, do financiamento oriundo de benfeitores e da necessidade de reforço nas estruturas das construções.

A situação do mosteiro entrou em processo de esfacelamento com a extinção dos noviciados no Brasil, por decisão do governo imperial, o que impossibilitou a admissão de novos monges. O declínio do conjunto monástico fez com que se propusesse a transferência do mosteiro ao Estado. Segundo Luna (1947, p. 137), com os decretos governamentais e o aumento das restrições ao recebimento de novos noviços, a comunidade foi diminuindo até sobrar, no fim do século XIX, o velho abade, Frade Pedro da Ascensão Moreira, morto em 15 de julho de 1900.

A situação só seria revertida com o advento da Proclamação da República em 1889, que, com a laicização do Estado, permitiu que a Ordem Beneditina acolhesse novos noviços. Paralelamente a essa mudança de ordem política, monges da Congregação de Beuron (Baden-Wutemberg, Alemanha) chegaram ao Mosteiro da Bahia, em fins de 1889. Estes monges implantaram, em 1903, uma série de mudanças visando à recuperação da ordem no Brasil, em sintonia

com a estratégia de renovação da congregação beneditina alemã (Arruda, 2007, p. 63).

Em julho de 1900, Dom Miguel Kruse assumiu e atuou fortemente na revitalização do mosteiro, reintroduzindo o ordenamento regular na vida cotidiana monacal. Seu espírito empreendedor manifestou-se logo de início na fundação de uma escola secundária, o Ginásio de São Bento, atual Colégio São Bento, em 1903. Em seguida, fundou a Faculdade de São Bento, iniciada em 1908, com o primeiro curso de filosofia do Brasil e precursora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

De acordo com Arroyo (1966, p. 89), a comissão central das obras foi constituída por Dom Miguel Kruse, João Lourenço Madein, Dom Amaro e Dom João, sendo este último o celeiro, ou seja, o tesoureiro. A pedra fundamental do templo foi lançada no dia 13 de novembro de 1910, às 14 horas, no Dia de Todos os Santos da Ordem de São Bento. A cerimônia seria presidida pelo cônego Sebastião Leme.

A mando de Dom Miguel Kruse, o projeto foi elaborado em Munique (Alemanha), pelo professor e arquiteto Richard Berndl, em 1911. A construção da abadia seria célere e, em dois anos, já estaria finalizada. Em 1913, receberia a bênção e teria sua primeira missa. Em sequência, o antigo conjunto seria demolido para dar lugar ao atual. No total, a construção da igreja, da abadia e do colégio duraria 11 anos.

Para a decoração da Basílica Abacial, Dom Miguel convidou Dom Adalberto Gresnicht, monge de Maredsous (Bélgica), e membro da Escola de Artes de Beuron (Yang, 2016, p. 37-56).

A Escola de Beuron surgiu com o Peter (Desiderius) Lenz e Gabriel Wüger, artistas pertencentes à Congregação Beneditina de Beuron. Dentro da determinação do “Ora et labora”, desenvolveram uma arte com fim litúrgico e pedagógico-religioso, e por meio do modelo pedagógico de ensino-aprendizagem, ensinou uma série de aprendizes. Seu auge se fez no período entre 1894 e 1900, onde a relação mestre-aluno foi mais presente, unindo uma série de estudiosos e artistas da arte sacra, que aplicaram os métodos em diversas igrejas ao redor do mundo. Lenz e Wüger pertenceram ao movimento dos nazarenos e as descobertas arqueológicas do Antigo Egito e sua arte, na época, foram fundamentais para a formação de uma nova sensibilidade artística. Assim, a Arte de Beuron tinha como enfoque a reprodução das artes romana, egípcia e grega, entre outras, assim como as artes medievais.

Já pertencendo a Beuron, Lenz aplicou seu programa imagético servindo como modelo em diversos mosteiros beneditinos, aplicados por diversos aprendizes. O trabalho se pautava na produção coletiva, mas dentro dos moldes vinculados à Regra Beneditina.

Lenz procurava uma linguagem matemática que acessasse o Sagrado. Havia a busca do artista pela melhor forma de representar Deus e se aproximar da Criação Divina. Também existia a busca do religioso em louvar a Divindade pela sua arte e trabalho. A arquitetura era como uma ferramenta que permitiria a construção do templo – sendo o templo ideal como local sagrado da Presença, não apenas o local das orações dos fiéis, mas de Presença do Divino (Yang, 2016, p. 57).

No livro *Bens Culturais Arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo*, há a seguinte descrição:

A igreja recebeu apurada decoração de D. Adalberto Gresnicht, escultor além de pintor, vindo do Mosteiro de Maredsous (Bélgica) e formado em sua arte na Congregação de Beuron, onde se desenvolvia, desde o último quartel do século XIX, uma escola de pintura de tendência neonazarena. Essa escola estava sujeita a influências de estilos exóticos – primitivos e requintados – em que se mesclavam, à inspiração do Quatrocento, aspectos de pinturas ainda mais arcaicas (1984, p. 185).

Auxiliado por irmãos conversos, como o Irmão Clement Frischauf (1869-1944), Gresnicht executou as obras de pintura do templo em dez anos, além de outros trabalhos em peças de madeira, bronze e vitrais. No início, a vinda de Dom Adalberto seria apenas para estudos imagéticos com a arte beuronense, entretanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi autorizado a permanecer e finalizar as obras artísticas. Em 1922, o templo seria consagrado à categoria de basílica.

A sagração da Basílica Abacial de São Bento ocorreu nos dias 6 e 7 de agosto de 1922, um sábado e um domingo, com as celebrações presididas por Dom Aidan Gasquet, enviado do Papa Pio XI. A purificação e a consagração foram finalizadas com a elevação da igreja à Basílica Menor.

A igreja teve grande destaque enquanto edificação dentro do complexo monástico. Se, no passado, os campanários românicos e góticos em torres tinham como objetivo se tornar uma referência urbana, marcando o tempo e a vida cotidiana com os sinos, na Basílica de São Bento, essa marca urbanística

seria resgatada, com as torres sendo um marco da verticalização urbana e do horizonte de uma cidade de São Paulo em expansão, porém ainda sem a *skyline* marcante dos arranha-céus, que marcaria a paisagem paulistana a partir da década de 1930.

Ao mesmo tempo, São Paulo se distanciava de sua origem colonial, de vila construída em taipa, dentro da Capitania de São Vicente. Com o advento do ciclo do café, a cidade se expandia rapidamente como centro comercial e industrial e, conseqüentemente, passava por rápidas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. As iniciativas e realizações do abade refletiam o crescimento da cidade e as novas demandas e necessidades da população.

Com o Mosteiro de São Bento, segundo Arruda (2007, p. 64), o novo projeto em estilo neorromânico e neogótico refletia as grandes mudanças de ordem temporal e espiritual. O revivalismo gótico, na concepção do projeto arquitetônico e artístico, tinha como discurso remeter à Idade Média, período marcado pelo poder e vigor da Igreja Católica. A renovação do mosteiro nasce no bojo das transformações radicais sofridas pela cidade e sua paisagem urbana. Para Yang (2016, p. 13), a construção da hoje Basílica de Nossa Senhora da Assunção foi o resultado desse esforço, que uniu um momento de progresso da cidade de São Paulo, com a riqueza do ciclo do café e uma nova visão urbanística para a cidade, que crescia rapidamente.

No inventário *Bens Culturais Arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo*, de 1984, faz-se a seguinte análise:

O projeto do mosteiro deve ser compreendido, todo ele, dentro da tradição eclética germânica. O antiquado Roundbongenstil – que aliava reminiscências românicas, bizantinas e de arquitetura quatrocentista italiana (três diferentes estilos arquitetônicos, identificados pelo uso do arco pleno) – fora rejuvenescida pelo arquiteto por meio de pormenores neogóticos. Esse ecletismo, aparentemente confuso, resultou num dos projetos mais refinados que São Paulo possui (p. 105).

Para Yang (2016, p. 98), o espírito empreendedor de Dom Miguel Kruse trouxe um projeto de visão ímpar, favorecendo a interação da Ordem com a sociedade, trazendo a arte beuronense à cidade e ampliando a presença do canto gregoriano entre os fiéis. Este modelo revivalista seria empregado futuramente em duas novas construções religiosas do centro de São Paulo: a Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção e São Paulo (neogótica, construída 1913 e 1967, segunda reconstrução da igreja da Sé desde 1616) e a

Paróquia Matriz Nossa Senhora da Conceição (Basílica Santíssimo Sacramento de Santa Ifigênia, construída entre 1909 e 1959, reconstrução da igreja original de 1799), ambas projetados pelo arquiteto alemã Maximilian Emil Hehl (1861-1916).

Esse período marcado entre a segunda metade do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, teríamos uma série de repertórios classicizantes, historicistas, ou então do receituário dos movimentos ligados à renovação artística, como o Art Nouveau, o Floreal, o Sezession, etc. (Patetta, 1987, p. 74). O neogótico, portanto, se insere nesse movimento chamado Ecletismo Historicista.

O emprego do neogótico em importantes construções seculares é incomum, pois, como veremos, a grande maioria dos casos neogóticos no Brasil consiste em edifícios religiosos – igrejas e capelas ou, em menor número, associações beneficentes e hospitais. De fato, na virada do século XIX, o neogótico era geralmente considerado no Brasil, como em outros lugares, como o estilo mais adequado para a arquitetura religiosa – associação baseada, como se sabe, no paralelismo simbólico entre a verticalidade do gótico formas e o anseio de elevação ao Céu inerente à devoção humana. Desta forma, a religiosidade cristã materializou-se na pedra, criando espaços etéreos com o controle meticuloso da luz, que simbolizava a graça divina (Pinheiro, 2016, p. 106).



Figura 1: Mosteiro de São Bento de São Paulo.

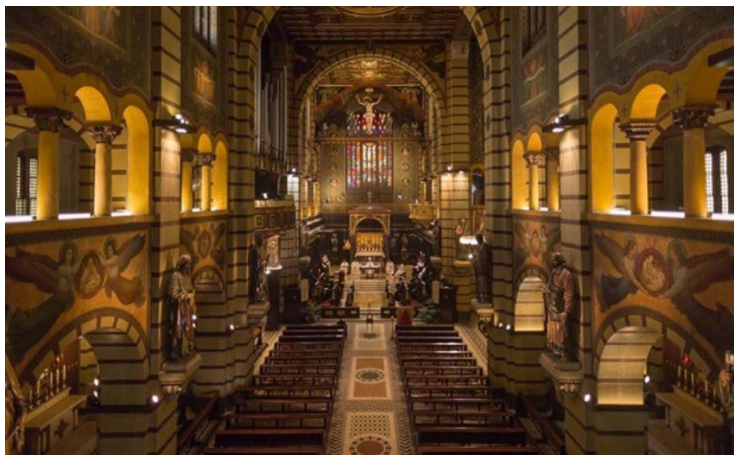


Figura 2: Interior da Basílica de Nossa Senhora da Assunção. São Paulo.

## 2 O projeto

Nas pesquisas realizadas no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, foram encontradas uma série de plantas, cortes e elevações, algumas revelando a presença de algumas versões anteriores do projeto. Nas publicações em periódicos da época, nota-se a presença preliminar de um volume central abobadado na fachada lateral esquerda, elemento que não foi levado adiante na construção. Há inconclusão sobre a finalidade da abóbada, por parte do arquiteto, que, decerto, buscava atribuir maior destaque ao conjunto educacional. (figura 3: no canto inferior esquerdo, acima da torre).

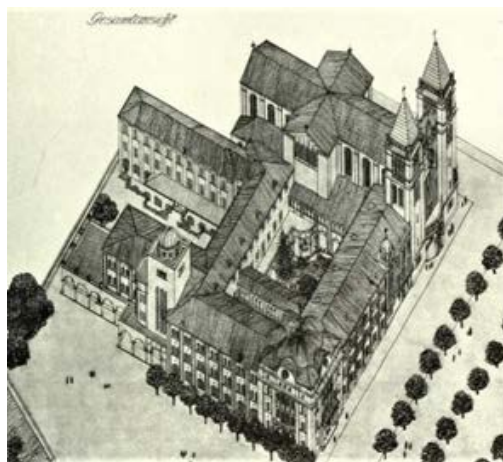


Figura 3: Desenho para o novo mosteiro, desenho monocromático, sem data – Richard Berndt

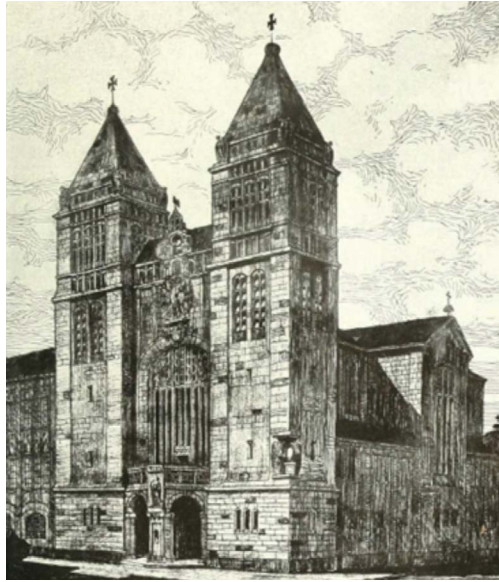


Figura 4: Desenho para a nova Basílica, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl

### Fachadas

A fachada faz a apresentação do edifício. É um dos elementos de maior destaque dentro do conjunto, pois apresenta a Ordem de São Bento à cidade de São Paulo e reflete os preceitos de sua fé. Segundo Yang (2016, p. 67), a construção visual da Basílica como um modelo político de discurso imagético era muito presente nas escolhas feitas por Dom Miguel, que procurava acompanhar o processo de revitalização da Ordem, que estava implementando, e reforçar sua importância para a cidade. Este local é a casa de Deus na Terra; isso significa que sua casa tras os adjetivos relacionados à edificação: sólida, austera e imponente.

O espaço arquitetônico revela e instrui. De que maneira ela instrui? Na Idade Média, a grande catedral instrui em vários níveis. Há o apelo direto dos sentidos, ao sentimento e ao subconsciente. A centralidade da construção e a presença dominante são imediatamente registradas. Eis o volume – o peso da pedra e da autoridade – e, no entanto, as torres se elevam. Estas interpretações não são autoconscientes e retrospectivas; são respostas do corpo (Tuan, 1983, p. 127).

A primeira certificação se faz através das torres. No Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, constam três desenhos de fachada explicitando

as mudanças. Primeiro, temos a igreja com uma torre centralizada e proporcionalmente maior que a base da igreja (figura 5), numa relação 2:3, além de um pináculo com formato acentuado. No Arquivo Municipal, consta a data de 21 de setembro de 1909. Em sequência, temos a fachada lateral (figura 6), explicitando a torre, a presença da cúpula e uma rosácea na parede lateral. Esses elementos seriam suprimidos posteriormente (figura 9), com o acréscimo de duas torres de menor proporção e com a substituição dos pináculos nas torres por um elemento escultórico centralizado.

A terceira fachada proposta (figura 10), de 1910, já apresenta a versão atual que fora construída. As alterações ocorreram nas torres, com a presença do pináculo. O desenho da fachada apresenta-se mais detalhado, tanto nas cornijas, como também janelas e vitrais

A fachada principal possui alguns elementos de destaque (figura 12). Primeiramente, os dois anjos que se posicionam entre os sinos. Abaixo, o relógio se faz presente entre anjos sineiros e os anjos em louvor, os quais seguram uma placa com inscrição “A.D. 1912”. Abaixo do grande vitral, há uma escultura em relevo do Patriarca São Bento, produzida em bronze pelo escultor Heinrich Wanderé [1865-1950] (Yang, 2016, p. 98). Ela possui 3,10m de altura e apresenta São Bento como um homem maduro e barbado, segurando o báculo de pastor e saudando os fiéis.

O pórtico do nártex de entrada avança para a frente em direção à rua, evidenciando a escultura e configurando uma área intermediária entre a rua e a nave principal, no intento de criar um ambiente de recepção sombreada ao fiel, separando-o do mundano na chegada ao lugar santo.

Comparando as três fachadas, pode-se imaginar a intenção de Dom Miguel Kruse de que a nova Abadia dispusesse um aspecto mais sólido e imponente, referindo-se mais o românico do que ao gótico. Se, na primeira fachada, o destaque está na verticalidade da torre, na segunda as torres são mais discretas. Já na terceira versão, as torres que teriam maior destaque, além do acréscimo de diversos ornamentos plenos de simbolismo.

Dois elementos de destaque se fazem presentes na entrada principal do Mosteiro. Na lateral esquerda, há a entrada principal da Faculdade e Colégio de São Bento (figura 10) e, entre ela e a Basílica, uma entrada para o conjunto monacal e a caixa de escada adjunta, que proporciona uma ênfase à verticalidade através do pináculo em estilo gótico. (figura 13).



Figura 5: Primeira versão da Basílica Abacial



Figura 6: Fachada lateral da primeira versão da Basílica Abacial



Figura 7: Fachada lateral da segunda versão da Basílica Abacial



Figura 8: Segunda versão da Basílica Abacial



Figura 9: Terceira versão da Basílica Abacial



Figura 10: Fachada principal do Mosteiro de São Bento



Figura 11: Vista geral do Mosteiro de São Bento



Figura 12: Basilica Abacial do Mosteiro de São Bento de São Paulo



Figura 13: Fachada principal do Mosteiro de São Bento

## Plantas

Na análise das plantas presentes no Arquivo Municipal, constatam-se as seguintes alterações:

- A nave principal manteve a mesma configuração, com pequenas alterações no altar, com capela e deambulatório aos quais se acessa o claustro.
- Na entrada, notam-se as alterações em relação aos pilares e ao nártex. Na planta atual, nota-se uma combinação das soluções presentes (figura 15). Posteriormente, há plantas (figuras 17, 18 e 19) indicando os três pisos com seus quartos, salões e dormitórios.
- Na planta atual (figura 16), há maiores detalhes da complexidade do conjunto monástico, como as salas de visitas, salas de aula, diretoria, secretaria, auditório, tesouraria, xerox, entre outros ambientes da Faculdade e Colégio de São Bento, e salas ligadas à vida religiosa, como sacristia, sala capitular, igreja e capelas. Além disso, há um semi-claustro e dois refeitórios.

- Apenas a planta térrea foi disponibilizada pelo Mosteiro de São Bento de São Paulo. As demais foram indeferidas, pois apresentam detalhes mais privativos à comunidade beneditina.
- Na figura 20, destacam-se as principais entradas para o conjunto monástico: a entrada número 1 dá acesso à Faculdade e ao Colégio de São Bento; a número 2, ao Mosteiro; e a número 3, à Basílica de Nossa Senhora de Assunção.
- Na mesma figura, observam-se diversos corredores principais que levam a grandes espaços e ambientes do Mosteiro. O corredor A perpassa próximo às principais entradas do Mosteiro. O percurso B, inicia-se pela Basílica, transita pelo claustro, anfiteatro, e finaliza no corredor das salas de aula. Assim acontece também no percurso E, que se inicia na entrada da Faculdade e Colégio e termina nas salas de aula.

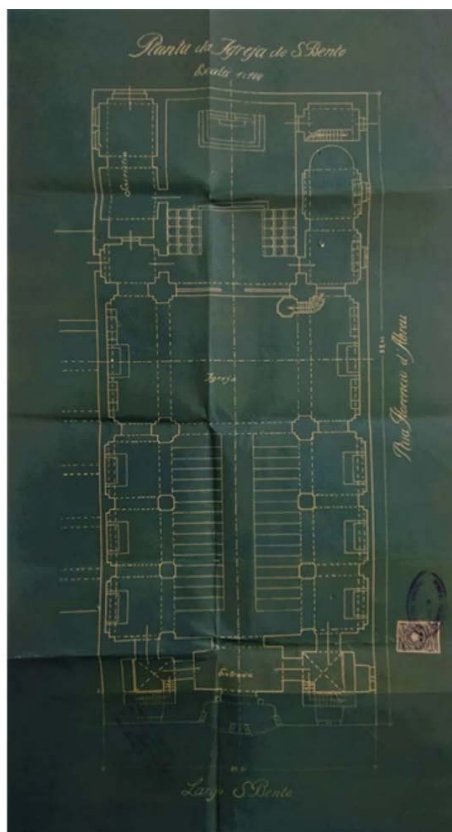
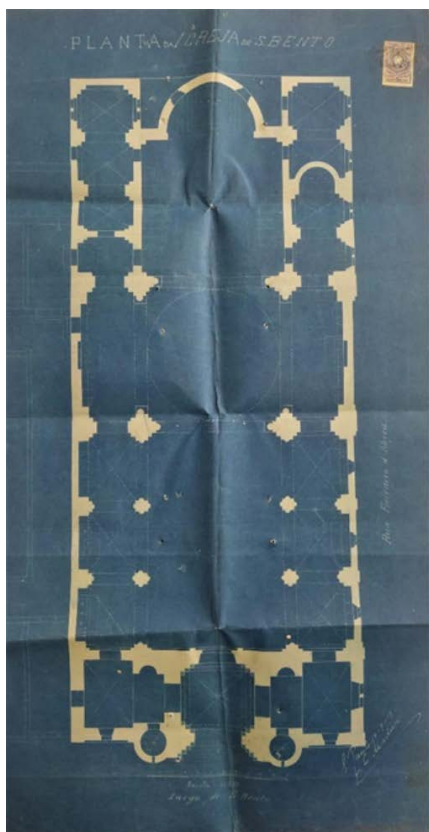


Figura 14 (esquerda): Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento – primeira versão  
 Figura 15 (direita): Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento

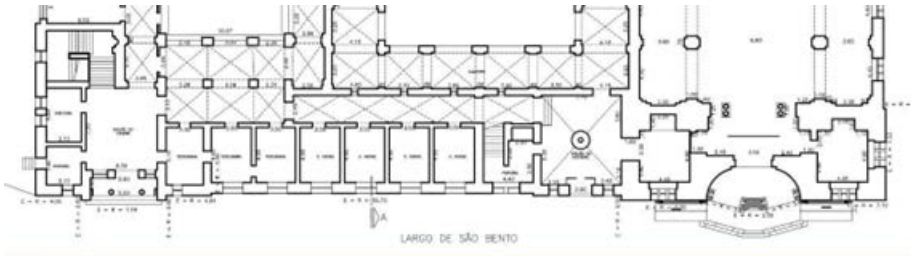


Figura 16: Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento

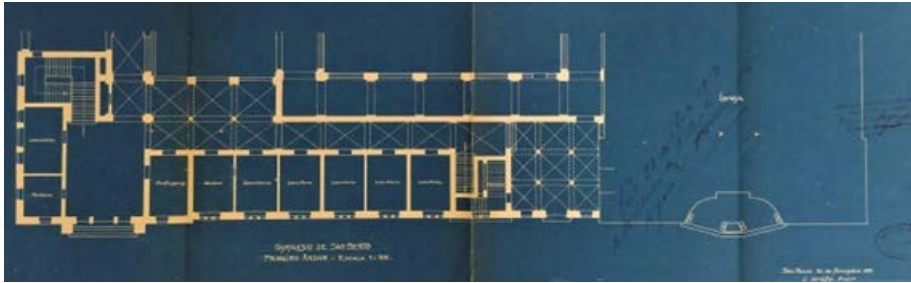


Figura 17: Planta térreo



Figura 18: Planta primeiro piso



Figura 19: Planta segundo piso



Figura 20: Planta térrea do Mosteiro de São Bento com destaque para os acessos (setas em vermelho) e percursos internos do térreo (setas em roxo)

## Conclusão

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de compreender o projeto do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Nela, é possível enumerar aspectos inéditos, como plantas, cortes e fachadas, que explicitam a evolução projetual do complexo concebido por Richard Berndt. A investigação também destaca a notável beleza do conjunto edificado, com sua rica arte sacra de expressão original e inusitada, desenvolvida de acordo com os preceitos simbólicos estabelecidos pelo então Abade Dom Miguel Kruse.

Nesta contribuição sobre a história do Mosteiro de São Bento, enquanto objeto arquitetônico e marco urbanístico, articula-se sua trajetória à própria formação da cidade de São Paulo e às suas particularidades. Os resultados indicam que ainda há amplo potencial para pesquisas e análises sobre o tema.

## **Lista de figuras**

### **Figura 1: Mosteiro de São Bento de São Paulo**

Disponível em: <https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento> Foto de Guilherme Gaensly. Instituto Moreira Salles. Acesso em: 15 mai. 2023.

### **Figura 2: Interior da Basílica de Nossa Senhora da Assunção. São Paulo.**

GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.

### **Figura 3: Desenho para a novo mosteiro, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl**

Disponível em: <https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/n310/mode/1up>. Acesso em: 19 set. 2023

### **Figura 4: Desenho para a nova Basílica, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl.**

Disponível em: <https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/n310/mode/1up>. Acesso em: 19 set. 2023

### **Figura 5: Primeira versão da Basílica Abacial**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

### **Figura 6: Fachada lateral da primeira versão da Basílica Abacial**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

### **Figura 7: Fachada lateral da segunda versão da Basílica Abacial**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

### **Figura 8: Segunda versão da Basílica Abacial**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

### **Figura 9: Terceira versão da Basílica Abacial**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

### **Figura 10: Fachada principal do Mosteiro de São Bento**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 11: Vista geral do Mosteiro de São Bento**

GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.

**Figura 12: Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento de São Paulo**

GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.

**Figura 13: Fachada principal do Mosteiro de São Bento**

GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.

**Figura 14 (esquerda): Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento - primeira versão**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 15 (direita): Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 16: Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento**

Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 17: Planta térreo**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 18: Planta primeiro piso**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 19: Planta segundo piso**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto do autor.

**Figura 20: Planta térrea do Mosteiro de São Bento com destaque para os acessos (setas em vermelho) e percursos internos do térreo (setas em roxo)**

Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Foto do autor.

**Referências**

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo* – Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

ARRUDA, Valdir. *Tradição e renovação: a arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo-SP: FAUUSP, 2007.

*Bens Culturais Arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo.* São Paulo, (SNM) Secretaria dos Negócios Metropolitanos, (SEMPPLA) Secretaria Municipal de Planejamento, (EMPLASA) Empresa Metropolitana de Planejamento, 1984.

DEL NIGRO, Paulo Sérgio Barbaro. *O mosteiro de São Bento de Sorocaba e a arquitetura beneditina do litoral brasileiro e do planalto paulista dos séculos XVII, XVIII, XIX.* Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2000.

*Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo.* Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: O mosteiro, 1977.

LUNA, OSB. Joaquim G. de. *Os monges beneditinos no Brasil.* Esboço histórico. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1947.

TUAN, YI-Fu. *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.* Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo. In: *Arquitetura brasileira.* São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Neo-gothic architecture in Rio de Janeiro and in São Paulo, Brazil, El neogótico em la Arquitectura Americana: história, restauración, reinterpretaciones y reflexiones. Tradução: Ariccia: Ermes Edizioni, 2016.

YANG, K. K. B. *A pintura beuronense na Basílica do Mosteiro Beneditino de São Paulo:1914-1922.* Trabalho de Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016. Guarulhos, 2016. 229 f.

Artigo recebido em 13/06/2025 e aprovado para publicação em 22/09/2025

#### **Como citar:**

GIANANTE, Cristiano; FUJIOKA, Paulo Yassuhide. A arquitetura do Mosteiro de São Bento de São Paulo (1910-22): história e projeto. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 391-411, jul./dez. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v24i48-2025-9>